

Helena P. Blavatsky sobre SIMBOLISMO

A Doutrina Secreta, Vol. I, p. 202; 305; 305-306; 613-614 [original]

A Doutrina Secreta, Vol. II, pp. 58; 536-537; 551-552; 574; 590 [original]

A Doutrina Secreta, Vol. I, p. 202 [original]

A Doutrina Secreta é a Sabedoria acumulada das Eras, e sua cosmogonia, por si só, é o sistema mais estupendo e elaborado, por exemplo, até mesmo no exoterismo dos Purânas. Mas tal é o poder misterioso do simbolismo Oculto, que os fatos que realmente ocuparam incontáveis gerações de videntes e profetas iniciados para reunir, estabelecer e explicar, na série desconcertante do progresso evolucionário, estão todos registrados em algumas páginas de sinais geométricos e glifos. O olhar brilhante desses videntes penetrou no âmago da matéria e registrou a alma das coisas ali, onde um profano comum, por mais instruído que fosse, teria percebido apenas o trabalho externo da forma.

A Doutrina Secreta, Vol. I, p. 305 [original]

As incansáveis pesquisas dos simbologistas ocidentais, e especialmente alemães, durante os séculos passado e presente, levaram todos os ocultistas e a maioria das pessoas sem preconceitos a ver que, sem a ajuda da simbologia (com seus sete departamentos, dos quais os modernos nada sabem), nenhuma Escritura antiga pode ser corretamente compreendida. A simbologia deve ser estudada em cada um de seus aspectos, pois cada nação tinha seus próprios métodos peculiares de expressão. Em resumo, nenhum papiro egípcio, nenhuma ola* indiana, nenhum azulejo assírio ou rolo hebraico deve ser lido e aceito *literalmente*.

* Do tâmil olai, folha de palmeira

A Doutrina Secreta, Vol. I, p. 305-306 [original]

Como um maçom e teosofista erudito, o falecido Sr. Kenneth Mackenzie, demonstrou em sua *Royal Masonic Cyclopædia*, que há uma grande diferença entre *emblema* e *símbolo*. O primeiro "compreende uma série maior de pensamentos do que um símbolo, que pode ser considerado uma ilustração de uma única ideia especial". Portanto, os símbolos (digamos, lunar ou solar) de vários países, cada um ilustrando uma ideia especial ou uma série de ideias, formam coletivamente um emblema esotérico. Este último é "uma imagem ou sinal concreto visível que representa princípios, ou uma série de princípios, *reconhecíveis por aqueles que receberam determinadas instruções*" (iniciados). Para deixar ainda mais claro, um emblema é *geralmente uma série de figuras gráficas vistas* e explicadas alegoricamente e que desdobram uma ideia em visões panorâmicas, uma após a outra. Assim, os Purânas são emblemas escritos. O mesmo acontece com os Testamentos Mosaico e Cristão, ou a Bíblia, e todas as outras Escrituras exotéricas.

A Doutrina Secreta, Vol. I, p. 613-614 [original]

Tampouco o "hierograma dentro de um Círculo ou Triângulo equilátero" jamais significou "a exemplificação da unidade da essência divina", pois isso foi exemplificado pelo plano do círculo sem limites. O que realmente significava era a natureza trina e co-igual da primeira Substância diferenciada, ou a *consustancialidade* do Espírito (manifestado), da matéria e do Universo - seu "Filho", que procede do Ponto (o LOGOS real e esotérico) ou o MÔNADA pitagórica. Pois o termo grego *Monas* significa "Unidade" em seu sentido primário. Aqueles que não são capazes de perceber a diferença entre a mônada – a Unidade Universal – e as *Mônadas* ou a Unidade manifestada, assim como entre o LOGOS sempre oculto e o revelado ou a *Palavra*, jamais deveriam se envolver com filosofia, muito menos com as Ciências Esotéricas. É desnecessário lembrar ao leitor instruído a *Tese** de Kant para demonstrar sua segunda *Antinomia*. Aqueles que a leram e compreenderam verão claramente a linha que traçamos entre o Universo *absolutamente Ideal* e o Kosmos invisível, embora manifestado. Nossos Deuses e Mônadas não são os Elementos da *extensão* em si, mas apenas os da realidade invisível que é a base do Kosmos manifestado. Nem a filosofia esotérica, nem Kant, nem Leibnitz jamais admitiriam que a extensão possa ser composta de partes simples ou não estendidas. Mas os teólogos-filósofos não entenderão isso. O Círculo e o Ponto, que se retira e se funde com o primeiro, depois de ter emanado os três primeiros pontos e conectando-os com linhas, formando assim a primeira base *noumenal* do Segundo Triângulo no Mundo Manifesto, sempre foram um obstáculo insuperável para os voos teológicos para os Empíreos dogmáticos. Sob a autoridade desse Símbolo Arcaico, um deus masculino e pessoal, o *Criador* e Pai de todos, torna-se uma emanção de terceira categoria, as Sefiroth ficando em *quarto* lugar na descendência e à esquerda de En-Soph (veja a *Árvore da Vida Cabalística*). Portanto, a Mônada é degradada em um Veículo — um "trono"!

A Mônada - apenas a emanção e o reflexo do Ponto (Logos) no Mundo fenomenal - torna-se, como o *ápice* do triângulo equilátero manifestado, o "Pai". O lado esquerdo ou a linha é a *Diade*, a "Mãe", considerada como o princípio maligno e neutralizador (Plutarco, *De Placitis Placitorum*); o lado direito representa o Filho ("o marido de sua Mãe" em *toda* Cosmogonia, como um com o *ápice*); na linha básica está o plano Universal da Natureza produtiva, unificando no plano fenomênico Pai-Mãe-Filho, como estes foram unificados no *ápice*, no Mundo supersensório. Por transmutação mística, eles se tornaram o Quaternário - o triângulo se tornou a TETRAKTIS.

* *Ver Critique de la Raison pure* de Kant [*Crítica da Razão Pura*] (Barni's transl., Vol. II., p. 54).

A Doutrina Secreta, Vol. II, p. 58 [original]

Até certo ponto, admite-se que mesmo o ensinamento esotérico é alegórico. Para tornar esse último compreensível para a inteligência média, é necessário o uso de símbolos expressos em uma forma inteligível. Daí as narrativas alegóricas e *semi*-míticas nos ensinamentos exotéricos, e as (apenas) representações semi-metafísicas e objetivas nos ensinamentos esotéricos. Pois as concepções

puramente e transcendentalmente espirituais são adaptadas apenas às percepções daqueles que "veem sem olhos, ouvem sem ouvidos e sentem sem órgãos", de acordo com a expressão gráfica do Comentário. O idealista puritano demais tem liberdade para espiritualizar o princípio, ao passo que o psicólogo moderno simplesmente tentaria espiritualizar nossa Alma humana "decaída", mas ainda divina, em sua conexão com *Buddhi*.

A Doutrina Secreta, Vol. II, p. 536-537 [original]

A ideia de representar a divindade *oculta* pela circunferência de um círculo, e o Poder Criativo (masculino e feminino, ou a PALAVRA andrógina), pelo diâmetro que o atravessa, é um dos símbolos mais antigos. É sobre essa concepção que toda grande cosmogonia foi construída. Com os antigos arianos, os egípcios e os caldeus, ela era completa, pois englobava a ideia do *Pensamento Divino* eterno e imóvel em sua absolutividade, separado inteiramente do estágio incipiente da (assim chamada) *criação*; e compreendia a evolução psicológica e até mesmo espiritual, e seu trabalho mecânico, ou construção cosmogônica. Com os hebreus, no entanto, embora a primeira concepção possa ser encontrada distintamente no Zohar e no Sepher Jezirah - ou o que resta deste último - o que foi incorporado posteriormente no *Pentateuco* propriamente dito, e especialmente no *Gênesis*, é simplesmente esse estágio secundário, a saber, a lei mecânica da criação, ou melhor, da construção; enquanto a teogonia é pouco, se é que é, delineada.*

*Nas igrejas grega e latina - que consideram o casamento como um dos sacramentos - o sacerdote oficiante durante a cerimônia de casamento representa o vértice do triângulo; a noiva, seu lado esquerdo feminino e o noivo, o direito, enquanto a linha horizontal é simbolizada pela fileira de testemunhas, as damas de honra e os padrinhos. Mas, atrás do sacerdote, há o altar com suas misteriosas acomodações e significado simbólico, dentro do qual ninguém, exceto os sacerdotes consagrados, deve entrar. Nos primeiros dias do cristianismo, a cerimônia de casamento era um mistério e um verdadeiro símbolo. Agora, porém, até mesmo as igrejas perderam o verdadeiro significado desse simbolismo.

A Doutrina Secreta, Vol. II, p. 551-552 [original]

A Doutrina Secreta nos ensina que tudo no universo, assim como o próprio universo, é formado (criado) durante suas manifestações periódicas - pelo MOVIMENTO acelerado posto em atividade pelo SOPRO do poder sempre desconhecido (desconhecido para a humanidade atual, pelo menos) dentro do mundo fenomenal. O Espírito da Vida e da Imortalidade era simbolizado em todos os lugares por um círculo: portanto, a serpente mordendo sua cauda representa o círculo da Sabedoria no infinito; assim como a cruz astronômica - a cruz dentro de um círculo e o globo, com duas asas adicionadas a ele, que então se tornou o sagrado Escaravelho dos egípcios, sendo seu próprio nome sugestivo da ideia secreta ligada a ele. Pois o escaravelho é chamado no Egito (nos *papiros*) de *Khopirron* e *Khopri*, do verbo *Khopron* "tornar-se", e assim foi transformado em um símbolo e emblema da vida humana e dos sucessivos *devires* do homem, por meio das várias peregrinações e metempsicoses (reencarnações) da Alma liberada. Esse símbolo místico mostra claramente que os

egípcios acreditavam na reencarnação e nas vidas e existências sucessivas da entidade imortal. Por ser, entretanto, uma doutrina esotérica, revelada somente durante os mistérios pelos sacerdotes-hierofantes e pelos Reis-Iniciados aos candidatos, ela era mantida em segredo. As inteligências incorpóreas (os Espíritos Planetários ou Poderes Criativos) eram sempre representadas sob a forma de círculos. Na filosofia primitiva dos hierofantes, esses círculos *invisíveis* eram as causas prototípicas e os construtores de todos os orbes celestes, que eram seus *corpos* ou coberturas visíveis, e dos quais eles eram as almas. Esse era certamente um ensinamento universal na antiguidade. (Veja *Ezequiel*, cap. 1).

A Doutrina Secreta, Vol. II, p. 574 [original]

Temos agora de falar sobre a linguagem do Mistério, aquela das raças pré-históricas. Não se trata de uma língua fonética, mas puramente pictórica e simbólica. Atualmente, ela é conhecida em sua plenitude por muito poucos, tendo se tornado uma língua absolutamente morta para as massas por mais de 5.000 anos. No entanto, a maioria dos gnósticos eruditos, gregos e judeus, a conheciam e a usavam, embora de forma muito diferente.

A Doutrina Secreta, Vol. II, p. 590 [original]

Esses números sagrados (3, 4, 7) são os números sagrados de *Luz, Vida e União* — especialmente no presente manvantara, nosso ciclo de vida; do qual o número sete é o representante especial, ou o número *Fator*.
